

QUANDO TE CONTO ISTO, VIVO TUDO NOVAMENTE

DEBI CHAIMOVITCH-YEHOSHAFAT

Abstract

This article, based on autobiographical books and personal narratives of Brazilian women in Israel, deals with unpublished stories of the trajectory of these women who left Brazil between 1948-1967 to live the Zionist dream.

Keywords: women, Brazil, zionism, life stories

Palavras-chaves: mulheres, Brasil, sionismo, histórias de vida

Introdução

Neste artigo serão analisadas histórias de vida que se referem as lembranças que aparecem durante a entrevista, diferente dos livros de memórias que estão organizados de ordem cronológica. Estas memórias que contadas no presente, definem como as mulheres participantes desta pesquisa lidam com seu passado. A história oral tende a ser mais pessoal sendo que as histórias das participantes são mais exclusivas e originais. Ao contar a história de suas vidas, as mulheres expressam suas vozes marginalizadas. Além disso, elas puderam durante a entrevista descrever suas experiências como formadoras de sua identidade pessoal e de seu lugar na sociedade, dando um novo enfoque ao tema aliá.

Brasileiros em Israel e a literatura sobre o tema

O assunto Brasileiro em Israel está sendo explorado ultimamente pelo grupo de pesquisadores do projeto Brasileiros em Israel: memórias e diversidade. Até então, foram realizadas pesquisas espontâneas, sendo que a principal contribuição é o Arquivo Digital online Dror, ontem e hoje: Site de arquivos da História do Movimento Juvenil Sionista Socialista Dror no Brasil, onde são encontrados documentos de movimentos juvenis no Brasil e de grupos (garin) que fizeram aliá.¹

A historiografia dos Brasileiros em Israel pode-se dizer que começa no Kibutz Bror-Chail, conforme Meir Chazan, a presença dos primeiros brasileiros em Israel está relacionada ao movimento juvenil Dror, estabelecido no Brasil, na cidade de Porto Alegre, em 1945. O Movimento Dror tinha como objetivo influenciar os jovens judeus brasileiros a imigrarem a Israel. Assim foram realizadas atividades de preparação para a imigração dos jovens. Em 1949 três fazendas em São Paulo foram usadas para prepará-los à vida coletiva e agrícola. O treinamento era também ideológico e visava fortalecer o ideário nacionalista da jovem nação que se criava. Assim os pioneiros, o nome dados aos primeiros brasileiros que chegaram à Israel em 1950, e em 1952 se estabeleceram no *Kibutz Bror Chail*. Foi assim que este *kibutz* passou a ser conhecido como o “*Kibutz brasileiro*”, que recebeu os garin do Movimento Dror, formado por jovens homens e mulheres que vieram a construir o jovem país.² Outras recentes pesquisas abordam o tema brasileiros em Israel. Carlos Alberto Póvoa, investigador brasileiro investigou imigrações de brasileiros em Israel. Segundo ele a motivação de brasileiros escolherem imigrar à Israel, sendo um país que se situa-Oriente Médio, área de instabilidades políticas, econômicas., está relacionado a necessidade de reafirmarem sua identidade religiosa, reencontrar familiares ou por uma questão política-ideológica e também por optarem por uma

1 <<https://dror-br-il.org/>> (acceso: 05.05.2023).

2 Meir Chazan, “The Creation of the Relations Between Israel and Brazil from a Pioneering Perspective: Between Diplomacy and Kibbutz”, *Jews and Jewish Identities in Latin America*, Academic Studies Press. 2017, p. 208-231, <<https://doi.org/10.2307/j.ctv1zjg7bn.15>> (acceso: 05.05.2023).

vida dentro de um modo comunitário.³ Além disso Póvoa afirma que todo imigrante tem o medo da chegada, do desconhecido, e isto aumenta a sensação de comunidade e impulsiona os olim a reunirem-se em grupos determinados espaços, associações e congregações, preservando assim a identidade brasileira.⁴

A partir da perspectiva da geografia e de dados estatísticos Póvoa escreveu seu relatório de pesquisa de pós-doutorado e dois artigos que sugerem a necessidade de um estudo mais profundo sobre os brasileiros em Israel e a territorialidade, ou seja a construção do espaço “brasileiro” em Israel que é mais notável a partir dos anos 2000 onde se nota uma onda de imigração brasileira mais significativa.⁵ O antropólogo português Miguel Vale de Almeida, publicou o livro *Aliyah: Estado e subjetividade entre judeus brasileiros em Israel*, resultante de uma pesquisa com abordagem antropológica realizada com trinta brasileiros.⁶ O livro dividido em duas partes discute temas como o sionismo, identidade judaica e a fundação do Estado de Israel, a segunda parte aborda a narrativa pessoal dos entrevistados que fizeram Aliyah. Almeida em seu livro aborda temas como ser mulher em Israel, onde as diferenças culturais são salientadas, cabe acrescentar que as entrevistadas são mulheres de uma faixa etária jovem, de classe média e média alta.

Metodologia

A metodologia usada para a escrita deste artigo está baseada em uma pesquisa em andamento que leva em consideração fontes bibliográficas

3 Carlos Alberto Povoá, “Os movimentos da Aliyah e da imigração e suas contribuições para a formação da população israelense.” Trabalho apresentado para o *XXI Encontro da Abep*, 2019. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/xxiencontro/arquivos/R0040-1.pdf>> (acesso: 20.5.2023).

4 *Ibidem*.

5 *Ibidem*.

6 Miguel Vale de Almeida, *Aliyah: Estado e subjetividades entre judeus brasileiros em Israel/ Palestina*, Lisboa 2019, p. 15.

como livros de memórias, e conteúdo de entrevistas realizadas através do método história oral.

As entrevistas coletadas têm um aspecto biográfico - narrativo. A análise dos dados biográficos coletados nas entrevistas pessoais e nos livros biográficos foram analisados a partir de uma classificação de campo temático, o que permite a interpretação de dados individuais de acordo com o significado que a entrevistada dá a sua experiência. Segundo Gabriele Rosenthal, as pessoas ao contar sua vida pessoal, reconstroem experiências a partir da perspectiva do passado e como estas experiências fazem parte do seu modo de ser. Assim que, relatos como tradições familiares, comportamentos da época são relatados no presente com a perspectiva do passado.⁷ Essa perspectiva determina o que a entrevistada considera biograficamente relevante, como ela desenvolve vínculos temáticos e temporais entre suas várias experiências e como as realidades passadas, presentes e futuras previstas influenciam sua interpretação pessoal do significado dos eventos em sua vida.⁸ O objetivo da entrevista é analisar o diálogo entre as participantes e elas mesmas, enfatizando como elas reconstroem os eventos de sua vida. Algumas das entrevistadas receberam a oportunidade de contar sua própria história pela primeira vez e ao reconstruir suas experiências, elas dão sentido a elas mesmas com suas próprias palavras. Cabe acrescentar que os nomes são pseudônimos e ao lado consta a data de *aliá* nas citações.

Análise das entrevistas

Para analisar o papel da mulher brasileira em Israel, é preciso entender brevemente o papel da mulher judia no Brasil. A partir da compreensão da função da mulher na sociedade brasileira e na sociedade israelense em construção, pode-se entender como a realidade israelense modelou o modo de ser da mulher brasileira.

7 Gabrielle Rosenthal, "Migration and Questions of Belonging. Migrants in Germany and Florida", *Forum Qualitative Social Research* 10/3 (2009): 59-60.

8 *Ibidem*.

O papel da mulher na comunidade judaica do Brasil

Segundo os livros autobiográficos e entrevistas o papel da mãe foi decisivo na decisão de fazer *aliá*. O papel da mãe foi mencionado por Amir Plut em seu livro: *Sempre na tnuá*, um diário pessoal em uma jornada sionista. Ele viu sua mãe como uma trabalhadora árdua que trabalhava em uma loja de roupas de segunda mão e que acreditava que o mais importante para seus filhos eram os estudos.⁹ Rachel também se lembrou de sua mãe como não sendo típica das mulheres daquela época, pois trabalhava para sustentar a família. Outros participantes também identificaram a influência da mãe em sua educação e na transmissão de valores judaicos, como o casamento.



1: Foto do casamento de Nahum com Suzanna em 1948, Salvador, Bahia.¹⁰

9 Amir Plot, *Always at the Tnuá: A Personal Diary on a Zionist Journey*, Ramat Gan 1998, pp. 3-12 [hebraico].

10 Nachum Mandel, *Testemunho de um sonho*, Kibbutz Gaash 2009, p. 226.

Esta imagem reflete as normas culturais da comunidade judaica de Salvador. Onde comunidade está celebrando um casamento judaico, todos juntos em torno de uma mesa e usando roupas sofisticadas. A imagem ilustra a hierarquia da comunidade judaica no Brasil, e também relata os valores inserido na comunidade como o respeito ao conceito de família, a vontade de apoiar o jovem casal a melhoram sua condição social e econômica no Brasil, neste cotidiano as mulheres mães e filhas tinham um dever de conservar e transmitir o judaísmo.¹¹

No entanto, com a onda de assimilação, a figura materna, que sentia o dever de transmitir valores judaicos aos filhos, ficou enfraquecida. A assimilação tornou-se um perigo para a preservação da comunidade judaica, que, por um lado, estava integrada à sociedade brasileira, mas, por outro, os jovens começaram a se casar com jovens fora da comunidade judaica. Mesmo diante da situação de perigo de assimilação e desejo de conservar o judaísmo no Brasil, poucas famílias concordavam com a vontade dos jovens a fazerem *aliá*. No entanto diante dessa situação, Dana usou a estratégia de assimilação para convencer seus pais a fazer *aliá*. De acordo com suas memórias:

Lembro-me que quando decidi fazer Aliá, em uma conversa séria com o rabino Lemer, ele tentou me testar para entender por que eu escolhi fazer Aliá. Naquela época, eu jogava vôlei em Botafogo, em um clube. E aos domingos, íamos ver um jogo no Maracanã. Dei-lhe a razão direta: se eu conhecesse um não-judeu, o fato de ele não ser judeu não me faria romper o relacionamento, e eu não queria estar nessa situação. Ele era amigo dos meus pais na época, então foi um pouco ambivalente. Foi o que me lembro do que lhe expliquei. (Dana, ano de *aliá* 1964)

Essas estratégias mostram como os jovens lidavam com o conflito de defender as normas da sociedade e, ao mesmo tempo, querer viver o sonho de ter uma vida revolucionária. Para os pais judeus que viviam

11 Eva Alterman Blay, “Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil [Gender, resistance and identity: jewish immigrants in Brazil]”, *Tempo social: Revista de sociologia da USP* 21/2 (2009): 235-58, <<https://doi.org/10.1590/S0103-20702009000200011>> (acesso: 25.5.2023).

no Brasil, era imperativo preservar o legado da comunidade e da família judaica, onde as mulheres tinham a responsabilidade de ensinar e preservar os valores judaicos.

A assimilação representava uma ameaça à continuidade da família e da comunidade. Israel era visto como uma forma de impedir essa assimilação. Por essa razão, Dana, ao contar sua história sobre a probabilidade de se casar com um não-judeu e que isso não seria um problema para ela, pode ter sido o argumento que convenceu sua família a escolher *aliá* em vez de assimilação em potencial.

Educação judaica

Durante a entrevista, os participantes disseram que a educação judaica em casa, nas escolas e em estabelecimentos informais faziam parte de seu cotidiano, e que *aliá* era a consequência e para alguns inevitável. No entanto, o judaísmo no Brasil era considerado um judaísmo cultural que não necessariamente apoiava a *aliá*. A comunidade judaica brasileira aceitou o Estado de Israel, mas não necessariamente encorajou *aliá*.¹²

Assim que, o autor Moacyr Scliar, em seu livro “A Condição Judaica”, esclarece que o judaísmo no Brasil pode ser considerado um judaísmo cultural que está ligado à memória da história do povo judeu e às tradições transmitidas de geração em geração.¹³

Entre as participantes da pesquisa, o tema educação judaica foi associado ao papel de mãe. Naquela época, era responsabilidade da mãe educar seus filhos e transmitir os valores judaicos.¹⁴

Como disse Davi: “*Minha mãe era sionista e, em vez de me inscrever*

12 Yossi Goldstein, “De *Kehilá* a comunidad: enfoques acerca de la vida comunitaria judía en la Argentina y el Brasil hacia fines del siglo XX”, em Amilat (coords.), *Judaica Latinoamericana V*, Jerusalem 2005, p. 30.

13 Berta Waldman, “A Condição Judaica – Você Não Se Livra Dela (Moacyr Scliar)”, *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica* 15 (janeiro 2018): 10-17, <<https://doi.org/10.11606/issn.2317-8051.cllh.2017.142467>> (acesso: 20.5.2023).

14 Alterman Blay (v. nota 11), p. 8.

numa escola judaica perto de nossa casa, ela me inscreveu numa escola sionista.” (David, ano de *aliá* 1950).

As escolas judaicas desempenharam um papel essencial na formação da identidade da juventude judaica no Brasil. O currículo incluía história judaica e *moledet* (a geografia e história de Israel, aulas de hebraico, e comunicar valores sionistas).¹⁵

Os movimentos juvenis foram significativamente influentes na comunicação dos valores sionistas que promoveram a *aliá*. No entanto, o tema dos movimentos juvenis parece ser ambivalente nas histórias dos entrevistados, pois eles geralmente aderiram a um movimento juvenil para encontrar um parceiro de vida e evitar a assimilação, poucos realmente fizeram *aliá*.

Fazer *aliá* não era o principal objetivo da juventude judaica brasileira, como mencionado acima. O dilema entre integração e mobilidade socioeconômica e a falta de antissemitismo levaram ao fenômeno da assimilação. Para os jovens, as atividades do movimento juvenil eram um lugar para encontrar um parceiro em potencial para o casamento e para manter o status quo da comunidade judaica no Brasil.¹⁶

A experiencia feminina

As histórias contadas pelas oito mulheres que participaram desta pesquisa são diversas e expressam o ponto de vista de cada uma sobre suas histórias de vida. Como em livros e contos biográficos, elas começaram a história relatando sua história familiar e descrevendo a influência da família em sua decisão. Embora tenhamos encontrado alguns pontos em comum em suas histórias, a reconstrução de cada experiência específica permite compreender com mais profundidade o processo de imigração entre 1948 e 1964. A análise das vivências das mulheres entrevistadas

15 David Schers, “Jewish Education in Rio de Janeiro”, em Harold S. Himmelfarb & Sergio DellaPergola (eds.), *Jewish Education Worldwide. Cross-Cultural Perspectives*, University Press of America 1989, pp. 201-202.

16 Evelyn Zigelshifer, *Jewish Communities in the Diaspora (Brazil)*, Jerusalem 2001.

permite entender o significado inerente à própria reconstrução de sua história e à interpretação de seu papel de mulher fazendo *aliá*. Assim que Raquel nos conta sobre sua experiência na *machane* (acampamento) no Brasil com emoção:

Na *machane*, todos os *chanichim* dormiam em tendas como às tendas do exército. Uma noite, choveu muito e as tendas desabaram por causa do vento e todas as crianças se molharam. Enquanto eu te digo isso, é como se eu estivesse vivendo isso novamente.” (Rachel, ano de *aliá* 1962)

Rachel relembra sua *aliá* contando sobre suas experiências quando criança, existe uma relação entre o evento da *machane* e a viagem a Israel anos mais tarde. A experiência de viajar para Israel de navio a lembrou do mesmo sentimento que ela teve na *machane*. As mulheres, particularmente, expressaram seus sentimentos relacionados a experiências passadas, de modo autêntico, contam detalhes expressando mais sentimentos.



Esta fotografia reflete a realidade da vida no *kibutz* em Israel. Expressa a realização do sonho de trabalhar na terra. Mesmo que alguns não fizessem trabalhos forçados, seus corpos mudavam e suas roupas refletiam sua liberdade de expressão e sua independência para viver de acordo com seus próprios ideais, sem constrangimentos hierárquicos. As mulheres no *kibutz* muitas vezes desempenhavam trabalhos como ser uma *ganenet* (uma professora de jardim de infância).

As mulheres, particularmente, expressaram seus sentimentos relacionados a experiências passadas, de modo que suas lembranças podem ser interpretadas como uma interpretação autêntica de suas experiências. Alguns nunca tinham falado sobre algumas dessas experiências antes.

Miriam acrescentou à sua interpretação de sua experiência *aliá*:

Fomos enviados para trabalhar aqui e ali, e eu trabalhei no jardim de infância e... até que percebi meu potencial, durante todo o processo de Aliá e integração no kibutz, fiz o que me pediram para fazer. (Miriam, ano de *aliá* 1957)

A motivação para fazer *aliá* também pode ser analisada olhando para a variável gênero, pois a experiência feminina é diferente da experiência masculina, como se vê nas palavras de Rosa:

Meu marido não estudou. Era pintor. Eu estudei biologia no Brasil e gostava de fazer pesquisa, mas o sheliach me pediu para não mencionar meus estudos universitários ao kibutz, porque eu teria que trabalhar na cozinha ou com as crianças. No início, comecei a fazer esses trabalhos [...] mas, há alguns anos, comecei a trabalhar com pesquisa. (Rosa, ano de Aliá 1963)

Ao vir para Israel, Rosa abandonou a carreira e se adaptou às novas condições familiares. Ao reconstruírem suas histórias, as entrevistadas refletem sobre essas condições impostas pela tnuva, liderada pelos homens. Apesar da vida no *kibutz* ser uma vida comunitária, baseada na igualdade e coletivismo, as mulheres relatam que só começaram a se sentir independentes depois que os filhos cresceram. “Só entrei na faculdade aos 37 anos. Eu queria trabalhar com cerâmica, mas eles me convenceram a trabalhar em contabilidade” (Rachel, ano de Aliá 1957).

As mulheres que fizeram *aliá* na década de 1950, com idades entre 20 e 23 anos, falaram sobre a experiência de trabalhar onde eram necessárias, suas necessidades e habilidades não foram levadas em consideração. Rachel e Rosa estudaram em uma universidade no Brasil. Rachel deixou seus estudos universitários e Rosa deixou sua carreira como pesquisadora para se adaptar às necessidades da tnuia. Diferentemente das histórias dos homens entrevistados que também falaram sobre o abandono dos estudos universitários, as mulheres expressaram sua aderência às normas do tnuia e a falta de oportunidade de autoexpressão e autorrealização. Assim como conta Rosa: “Eu estudei biologia no Brasil, queria trabalhar na área de pesquisas, mas não pude trabalhar nisto [...] eu tinha três filhas e cuidava delas em casa.” (Rosa, ano de *aliá* 1963).

A motivação de fazer *aliá*: o sentimento de pertencer

Inicialmente, a migração era geralmente motivada por uma certa inadequação e insegurança dentro do sistema social vivido.¹⁷ De acordo com os dados coletados, os fatores de atração que motivaram o *oleh* a se mudar para Israel são baseados em fatores como o sentimento de pertencimento ao Estado de Israel, a necessidade de autoexpressão e a expectativa de que algumas de suas frustrações seriam aliviadas. Outro fator de atração é a sensação de que um determinado objetivo não poderia ser alcançado em sua sociedade de origem, mas poderia ser alcançado na sociedade de destino.¹⁸

A imigração geralmente ocorre em um grupo que não inclui todas as esferas sociais da população. Os migrantes preferem pertencer a grupos menores, o que ajuda a facilitar sua integração e identificação social inicial. O fato de estar em uma tnuia permitiu que alguns participantes resolvessem algumas de suas frustrações e os motivou a decidir fazer *aliá*. Como disse Rachel sobre sua experiência na escola:

17 S. N. Eisenstadt, “Analysis of Patterns of Immigration and Absorption of Immigrants”, *Population Studies* 7/2 (1953): 80-167.

18 *Ibidem*.

Na escola, todos usavam um uniforme que compravam.. Não tínhamos dinheiro, e minha mãe era costureira, ela costurava os meus uniformes. E na tnuva, senti que todos são iguais. A parceria e a igualdade me influenciaram muito. Quando cheguei ao kibutz, ainda adolescente, todos os alunos recebiam as mesmas roupas. Finalmente, eu podia me sentir como todo mundo. (Rachel, ano de aliá 1956)

De acordo com Zygmunt Bauman, o sociólogo, pertencer refere-se a como os indivíduos se veem em relação aos outros em sua sociedade. A percepção de si mesmo na sociedade é um motivador fundamental e responsável pelos processos emocionais e cognitivos positivos do indivíduo. No caso de Rachel, o sentimento de pertencer a um pequeno grupo, uma tnuva ou um garin, ajudou-a a entender melhor as condições do local de destino, o que reforçou sua decisão de viver em um kibutz. O sentimento de comunidade como expressado por Rachel, reforça sua integração na sociedade israelense, onde ela sente-se parte da construção do país, ela expressa em sua história o sentimento de ser como todos, pelo fato de usar as mesmas roupas diferente da experiência vivida no Brasil, onde segundo ela, ela sentia-se não pertencente ao lugar, a comunidade judaica, a escola.

O sonho de viver em Israel

Quando Dana contou sobre morar em Israel e sua decisão de fazer *aliá*, ela falou com emoção, expressando seus sentimentos ao contar sua história. Não havia pausas em suas frases. Para Dana, morar em Israel foi uma experiência nova. Era diferente, era um sonho, você não tinha ideia de como seria a realidade, e era uma ideia revolucionária.

Não apenas Dana falou sobre sua *aliá* com emoção, Shoshana também mencionou que estava revivendo a sensação de comer o fruto proibido. As mulheres falaram principalmente sobre sua experiência de chegar a Israel com emoção, expondo sentimentos que foram expressos por gestos e entusiasmo.

Meu sonho era vir a Israel.... antes mesmo de ir para a escola, eu falei para o meu pai, meu sonho é ir para Eretz Israel. Ele me respondeu você tem 5 anos agora. O que você sabe sobre isto? Quando você tiver 18 anos, você poderá decidir o que quiser. Quando completei 18 anos eu viajei para o Rio de Janeiro...eu encontrei um trabalho e me casei. Eu me casei porque era melhor viajar a Israel casada e então me mudei para lá. (Miri, ano de *aliá* 1950)

Vimos de navio, e não tínhamos passaporte [...] Quando cheguei me apaixonei, chegamos em Haifa [...] Eu me lembro que estávamos com fome. Estávamos perto de um *pardes* com árvores de fruta em Zichron Yaakov. Roubamos as uvas e comemos (Shoshana, ano de *aliá* 1948)

Concluindo, este estudo vem dar vozes as mulheres pioneiras que fizeram *aliá* do Brasil a Israel entre os anos de 1948-1964, influenciados pela ideologia sionista. A leitura dos textos baseados em entrevistas pessoais femininas revela histórias de vida inéditas, onde as vozes femininas completam a história da *aliá* de brasileiros. A análise dos relatos femininos permite uma nova abordagem aos estudos sobre *aliá* nas primeiras décadas da construção do jovem país onde a voz feminina pela primeira vez é escutada e analisada, oferecendo ao campo de estudos sobre *aliá* uma nova perspectiva sobre o tema. As mulheres participantes da pesquisa pela primeira vez tiveram a oportunidade de repensar seu papel na sociedade e relatar sobre a diferença entre as funções reservadas às mulheres e aos homens, colocando em questão a ideologia do *kibutz* onde todos eram iguais. Além deste fato, as histórias femininas acrescentam o ponto de vista delas mesmas sobre suas próprias vidas, sua motivação e sentimento de pertencer a um país jovem.

